Óleo de palma

O CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA GLOBAL

Ralf A. Levermann[1] Juliano Paulo Mendes de Souza[2]

O óleo vegetal número 1 do mundo

COM APENAS 10% da área plantada de soja, a palma é capaz de produzir a mesma quantidade de óleo. Só isso já explica o grande interesse em sua produção.

A palma (*Elaeis guineensis*) tem sua origem no continente africano é encontrada especificamente na África Ocidental e Equatorial. Seus frutos oleaginosos têm sido utilizados como alimento e fonte de energia há milênios pelos antigos egípcios e, no transcorrer do tempo, por outros povos da África.

O fruto da palma é único na produção de dois óleos: o óleo de palma, que é um óleo comestível saudável e balanceado, proveniente do mesocarpo, e o palmiste, proveniente da amêndoa da palma. O óleo de palma pode ser utilizado como óleo de cozinha, margarina, substituto da gordura do leite, sabões, plásticos, ceras, loções, óleos corporais, xampus, produtos de cuidado com a pele, produtos de limpeza, substituto do óleo diesel e outras aplicações industriais e alimentícias.

Desde meados dos anos 70 até os dias atuais, a produção do óleo de palma sofreu um notável progresso: passou de uma produção focada na demanda local para um dos cultivos que mais crescem no mundo, tornando-se o mais importante óleo vegetal. Dos dezessete óleos vegetais mais comercializados no mercado internacional, o óleo de palma é líder mundial em comércio e consumo entre óleos comestíveis. O complexo de óleo de palma responde por mais de 60% da exportação de óleos e gorduras (2011), ante a apenas 30% nos anos 80. Anualmente, a cultura rende aproximadamente US$ 45 bilhões aos produtores.

A expectativa é de que produção mundial de óleo de palma chegue a por volta dos 58 milhões de toneladas na safra de 2013/14, segundo estimativas do USDA. Com cerca de 8% das terras alocadas para o cultivo de oleaginosas, a palma fornece quase um terço da produção global de óleos vegetais. Óleo de palma é, de longe, mais eficiente quando comparado a outros óleos de origem vegetal.

PRODUÇÃO DE ÓLEO DE PALMA (EM 2013/14)

	Produção (mil t)	Part (%)
Indonésia	31.000	53,1%
Malásia	19.200	32,9%
Tailândia	2.100	3,6%
Colômbia	1.000	1,7%
Nigéria	930	1,6%
Papua-Nova Guiné	630	1,1%
Equador	565	1,0%
Outros	2.971	5,1%
Total	**58.396**	**100,0%**

Fonte: USDA

> “COM APENAS 10% DA ÁREA PLANTADA DE SOJA, A PALMA É CAPAZ DE PRODUZIR A MESMA QUANTIDADE DE ÓLEO.”

Os maiores produtores

Apesar do significativo crescimento da indústria de óleo de palma ao redor do mundo nas últimas três décadas, a estrutura de produção continua concentrada na Malásia e na Indonésia. Durante os anos de 1970 e 1980, a Malásia era a maior fornecedora de óleo de palma (*crude palm oil*), produzindo mais da metade da produção mundial. A produção da Malásia mais do que dobrou entre 1980 e 1990, no mesmo momento em que a Indonésia iniciou uma incomparável corrida para expansão das plantações. Partindo de somente 0,7 milhão de toneladas produzido nos anos 1980, a Indonésia ultrapassou a Malásia, tornando-se a maior produtora mundial. Na safra 2013/14, a produção da Indonésia deve atingir 31 milhões de toneladas (52% da produção global). Hoje, os dois países respondem por aproximadamente 86% da produção mundial de óleo de palma bruto.



SHUTTERSTOCK

A única região em que a produção não sofreu mudanças significativas foi a África. A Nigéria é o maior produtor da região, cuja produção é caracterizada pela pequena propriedade.

Na América do Sul, onde Colômbia e Equador têm registrado grandes aumentos na produção, o Brasil continua retardatário em óleo de palma. O País praticamente não apresentou aumento na produção nas últimas décadas. No entanto, o Brasil possui milhões de hectares de terras degradadas, disponíveis para produção sustentável e significativa de óleo de palma.

O consumo atual do Brasil supera em muito sua produção – os valores são de 550.000 toneladas e 320.000 toneladas, respectivamente. Com um consumo de óleos e gorduras de aproximadamente 8 milhões de toneladas por ano, a demanda brasileira por óleo de palma é estimada em pelo menos 1 milhão de toneladas por ano, desde que haja uma oferta local.

Indústria em crescimento

A demanda por óleos vegetais está em constante crescimento, devido ao aumento da população e da renda, particularmente em países populosos, como Índia, China, Indonésia, Bangladesh, Paquistão, Nigéria e Egito. Mercados emergentes em geral consomem mais de 75% da produção global de óleo de palma. Índia e China, os dois maiores países consumidores, são responsáveis por mais de um terço das importações mundiais do óleo.

Aproximadamente 80% do óleo de palma produzido são consumidos pela indústria alimentícia. O desenvolvimento do mercado de biocombustíveis surge como uma nova força para impulsionar ainda mais o crescimento da demanda por óleo de palma.

Uma colheita de grande eficiência

Em menos de 10% da terra alocada globalmente para a produção de oleaginosas, a palma fornece mais de um terço de toda produção de óleo vegetal. Nenhuma outra cultura do complexo de oleaginosas proporciona a mesma receita por hectare ou apresenta menores custos de produção. Comparado a outras culturas oleaginosas, como a soja, a canola ou o girassol, o óleo de palma tem o menor uso de combustível, fertilizantes e pesticidas por tonelada produzida.

A barreira "natural" de crescimento

As melhores condições de crescimento da palma são encontradas em uma pequena área próxima da linha do equador, onde há mais de 15 milhões de hectares plantados. A maior área plantada com a cultura está localizada no Sudeste da Ásia. Devido à grande expansão observada nas últimas décadas, a disponibilidade de terras agricultáveis nesta região está reduzindo-se rapidamente, assim como a taxa de expansão, ou sofrendo uma desaceleração nas taxas de expansão – esses fenômenos têm afetado as produções da Malásia e Indonésia. Em contraste, existem grandes áreas de terras inexploradas, degradadas e de baixa produtividade na África e, também, no Brasil. Apenas o estado do Pará oferece aproximadamente 4 milhões de hectares de terras degradadas e de baixo rendimento, os quais são altamente adequa-

O uso do fruto da palma

Do fruto da palma, é possível extrair o óleo de palma e o palmiste.

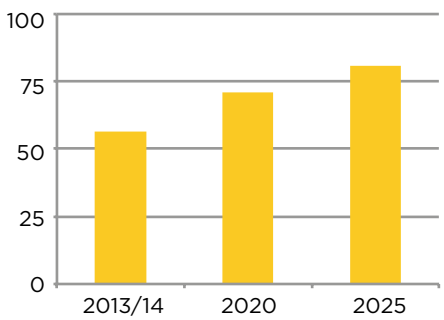
Para aumentar sua versatilidade em aplicações alimentícias, o óleo de palma pode ser fracionado em oleína líquida e estearina sólida:

- **Oleína:** comumente usada como óleo para cozinha e fritura;

- **Estearina:** empregada na formulação de gordura sólida e utilizada extensivamente na fabricação de alimentos processados.

O palmiste é empregado na produção de gorduras especiais utilizadas em diversos produtos alimentícios, além de ser uma importante matéria-prima para a indústria oleoquímica.

MUNDO: ESTIMATIVA DE CONSUMO DE ÓLEO DE PALMA (MILHÕES DE TONELADAS)



Fonte: FGV Projetos

dos ao cultivo sustentável de palma em grande escala.

A FGV Projetos estima que o consumo mundial de óleo de palma crescerá para aproximadamente 71 milhões de toneladas, até 2020, e para aproximadamente 81 milhões, em 2025 – na atual safra 2013/14, o consumo mundial, segundo o USDA, será de cerca de 56,5 milhões de toneladas.

De acordo com as projeções da FGV, para atender essa demanda, serão necessários 3 milhões de hectares plantados adicionais, até 2020, e aproximadamente 5 milhões de hectares, até 2025 (o equivalente à área total cultivada hoje pela Malásia). Ou seja, a área média com novas plantações de palma exigiria uma taxa de expansão de aproximadamente 450.000 hectares anuais até 2025.

Por outro lado, se o aumento na demanda por óleo vegetal for atendido via plantio de soja, seriam necessários mais 50 milhões de hectares cultivados até 2025.

Impacto social

O óleo de palma é uma das culturas tropicais mais produtivas e rentáveis, configurando uma importante *commodity* para promover o desenvolvimento econômico e a melhoria do padrão de vida de populações rurais pobres. Relatório recente da WWF (World Wide Fund for Nature) sobre a indústria do óleo de palma afirma que a elevação nos preços das *commodities* nos últimos anos ajudou a tirar milhões de pessoas da pobreza – a Malásia e a Indonésia forneceram as evidências para o relatório. A cadeia de óleo de palma, nestes dois países, gera cerca de 4,3 milhões de empregos diretos e entre 4,3 milhões e 17,2 milhões de empregos indiretos.

Empresas modernas são capazes de criar um posto de trabalho direto e outros dois indiretos ao longo da cadeia para cada 7 ou 10 hectares de palma plantados. Como comparação, a cadeia da soja emprega um trabalhador para cada 200 hectares plantados e a pecuária, um trabalhador para cada 350 hectares.

O cultivo em terras degradadas, abundantes no estado do Pará, poderia gerar significativamente mais empregos e maior renda para a população rural do que a pecuária de baixa intensidade, atividade atualmente predominante. Com os preços atuais do óleo de palma, um agricultor familiar com 10 hectares de terra, integrado a um moderno *cluster* agroindustrial, poderia obter um lucro mensal de mais de R$ 3.000, muito superior ao salário-mínimo atual, de R$ 724,00. Em suma, considerando uma região com taxas de desemprego acima da média, um produtor familiar de palma poderia migrar da classe de renda baixa para a média (medida pelos padrões do estado do Pará) no prazo de seis a oito anos.

Sustentabilidade

Desde o início da Revolução Industrial, a queima de combustíveis fósseis não renováveis contribuiu para o aumento da concentração de dióxido de carbono na atmosfera do planeta.

Quando o assunto é meio ambiente, nenhuma outra cultura no mundo atende melhor os rigorosos critérios de sustentabilidade como a palma.

O óleo de palma é um recurso de combustível renovável que pode se tornar 100% carbono neutro. Ao contrário dos combustíveis fósseis, a combustão de biocombustíveis de óleo de palma não aumenta o nível de dióxido de carbono na atmosfera, já que o óleo de palma devolve à atmosfera a mesma quantidade de dióxido de carbono extraída no processo de fotossíntese; além disso, há liberação de oxigênio na atmosfera. A quantidade de oxigênio liberada pela palma, uma cultura perene, excede em muito a produzida por culturas anuais, como a soja ou a canola.

No Brasil, todas as novas plantações de palma devem ocorrer em terras degradadas. A reabilitação das mesmas oferece um sequestro de carbono significativo: o cultivo da palma em terras degradadas traz uma absorção massiva de dióxido de carbono durante a fotossíntese ao formar sua biomassa, que terá uma expectativa de vida entre trinta e quarenta anos, ou mais.

Potencial do Brasil

O governo brasileiro adotou várias medidas para fomentar o desenvolvimento da indústria de óleo de palma no Brasil e reverter o déficit de produção:

- Criou linhas de crédito destinadas a agricultores familiares, com baixas taxas de juros e longos períodos de amortização;
- Concluiu o zoneamento agroecológico da palma; e
- Implementou o Programa de Produção Sustentável de Óleo de Palma no Brasil (maio de 2010).

Com uma estrutura inigualável em relação ao resto do mundo, o novo programa do governo brasileiro visa oferecer à população local uma alternativa economicamente mais interessante ao desmatamento, preservar a floresta nativa e incentivar a recuperação de áreas desmatadas e degradadas. Atualmente, o desenvolvimento de novas plantações de palma está restrito a áreas ocupadas pelo homem e a regiões indicadas pelo zoneamento agroecológico. A instalação de novas plantações está proibida em 96,3% do território brasileiro e a derrubada das florestas nativas para plantações de palma é explicitamente ilegal.

Condições edafoclimáticas ideais, grandes extensões de áreas degradadas, normas claras sobre o uso e ocupação do solo e a disponibilidade de mão de obra podem transformar o Brasil em um dos cinco maiores produtores mundiais de óleo de palma ao longo dos próximos dez a quinze anos.

As rigorosas normas ambientais brasileiras, em conjunto com o desenvolvimento de uma indústria de óleo de palma verdadeiramente sustentável, transparente e rastreável, poderiam, eventualmente, colocar os produtores locais em vantagem em relação a seus concorrentes externos, ao oferecer produtos de óleo de palma a produtores de alimentos e combustíveis, os quais estão cada vez mais preocupados com a associação do óleo de palma à destruição da floresta. ■

1 Especialista em agronegócio da FGV Projetos (ralf.levermann@fgv.br)
2 Especialista em agronegócio da FGV Projetos (juliano.souza@fgv.br)